

NOTA DE PESQUISA

SUBSÍDIOS HISTÓRICOS E ETNOGRÁFICOS PARA UMA ETNOARQUEOLOGIA MBYÁ-GUARANI

Valéria S. de Assis*

Ivori Garlet**

Isolada, a arqueologia corre o risco de tornar-se uma descrição árida, uma atestação quase fúnebre pronunciada impudentemente com base em pequena amostragem. (...) Recolocada, ao contrário, no contexto multiforme de vida que ela pretende exumar, a arqueologia presta eminentes serviços às outras disciplinas ao mesmo tempo que delas se beneficia
(Ki-Zerbo, 1982)***.

A história da pesquisa arqueológica, de um modo geral, é marcada por seu constante diálogo com disciplinas afins como a História e a Antropologia. O uso de fontes históricas e etnográficas nas investigações

* Professora de Metodologias de Pesquisa - DFE/Universidade Estadual de Maringá, Mestre em Arqueologia e doutoranda em Antropologia Social pela UFGRS. valeria.assis@terra.com.br.

** Professor de Sociologia – DEED/Universidade Estadual de Ponta Grossa, Mestre em História. ivori.garlet@terra.com.br.

*** **Nota da Editoria:** Devido às particularidades do texto, a formatação das notas de rodapé foi excepcionalmente mantida como apresentada pelos autores.

em sítios arqueológicos Guarani é igualmente comum e recorrente, embora ainda existam enfoques que resistam a esse diálogo¹.

Uma das problemáticas que persistiu no percurso das pesquisas arqueológicas sobre as populações Guarani antes do período colonial foi a de demonstrar uma diferença entre essas e aquelas que povoaram grande parte do litoral brasileiro. Esse conjunto foi por longo tempo referido como ocupações pré-históricas “Tupiguarani” (propositadamente sem o hífen)². Para fundamentar a especificidade dos Guarani em relação às demais populações Tupi, vários especialistas recorreram às fontes históricas e etnográficas, valendo-se da analogia para demonstrar aspectos da cultura material característicos somente a este grupo. Como consequência, a interpretação destas fontes priorizou levantar apenas aqueles aspectos unificadores da cultura material³, sem se dar conta de elementos singulares que não poderiam ser generalizados a todos os grupos Guarani.

Outra preocupação destas abordagens era a de fundamentar a idéia da grande continuidade temporal entre o(s) Guarani do passado e o(s) do presente. Esta preocupação permeou também alguns estudos etnológicos, resultando em interpretações igualmente generalizantes para tentar explicar os diferentes grupos Guarani contemporâneos (cf. Clastres, [1975] 1993).

O panorama contemporâneo das teorias e das pesquisas nestas diferentes disciplinas tem possibilitado pensar em novas problemáticas para a temática Guarani. De tal forma que um novo diálogo entre essas disciplinas pode promover outras interpretações sobre o passado e o presente dessas populações.

É neste caminho que se procura trilhar ao sugerir uma Etnoarqueologia Mbyá-Guarani.

A Etnoarqueologia caracteriza-se por propor uma forma de estudo interdisciplinar, em que a compreensão de vestígios materiais do passado pode ser feita enquanto um testemunho dos comportamentos huma-

¹ Veja, por exemplo, o trabalho de Rogge (1995/96) publicado nos Anais da última Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira em que a referência a sítios Guarani denuncia a manutenção de um afastamento dos avanços ocorridos na interação das disciplinas citadas.

² Sobre esta expressão confira análise de Noelli, F.S. (1997). As hipóteses sobre o centro de origem e rotas de expansão dos Tupi. *Rev. de Antropologia*. São Paulo:USP. 39/2:7-53.

³ A “considerável uniformidade cultural” dos Guarani foi constatada por Linné no início do presente século (apud Melià, Saul e Muraro, 1987: 63) e mais tarde retomada – e de certa forma comprovada – em estudos realizados por Brochado (1984) e Noelli (1993).

nos através do intercruzamento de dados de diferentes naturezas. Essa compreensão se efetiva, portanto, através de um método analógico, comparando fatos materiais conseqüentes de comportamentos observados etnograficamente e/ou descritos nas fontes documentais com os testemunhos arqueológicos. Embora esta abordagem esteja se desenvolvendo prioritariamente para promover interpretações mais ricas e complexas no campo da Arqueologia, a proposta de estudo etnoarqueológico sobre os Mbyá visa também contribuir para uma compreensão de aspectos relacionados ao âmbito prático dessa sociedade no campo etnográfico. Desta forma, está se pensando aqui numa Etnoarqueologia que contribua não só para interpretarmos o passado através do presente, mas também o presente com uma perspectiva histórica, contemplando o passado.

A Etnologia Guarani contemporânea reconhece que os Guarani se compõem de três grupos distintos, denominadas como Kaiowá, Nandeva e Mbyá. A diferenciação entre os mesmos é determinada por particularidades que permeiam todas as manifestações sócio-culturais, seja material, lingüística ou simbólica. Embora o volume de documentos escritos que se acumulou sobre os Guarani durante o período colonial e pós-colonial seja consideravelmente grande, a abordagem e o reconhecimento das especificidades de cada grupo começam a ser delineadas somente no fim do século passado e início do atual. Importante destacar que as observações e as descrições de detalhes etnográficos que possibilitam a evidências das parcialidades – principalmente dos aspectos da cultura material – é que levam alguns pesquisadores a considerá-las como sendo os alicerces para uma Etnologia Guarani (Melià, Saul e Muraro, 1987: 35).

Este estudo, portanto apresenta uma problemática que se coaduna com estes estudos. A intenção é apresentar uma leitura das fontes, tanto históricas, quanto etnográficas, a fim de dar visibilidade a aspectos que evidenciem a diferença, especialmente no que diz respeito aos itens materiais, no sentido de que tais elementos possam ser articulados com as informações arqueológicas. A alteridade que pretendemos evidenciar, ou melhor dizendo, a especificidade a ser destacada, concerne-se aos Mbyá.

Ao propormos esta forma de estudo, partimos do pressuposto de que as diferenciações étnicas, mesmo para famílias lingüísticas e culturais, se encontram materializadas nos objetos produzidos e utilizados por cada grupo, como diversos estudos sobre identidade étnica já demonstraram⁴. Fundamentamos esta pressuposição nas constatações etnográficas realizadas no fim do século passado por Ambrosetti (1895) e no início do

⁴ Cf. Seyferth, 1997 e Lagrou, 2002, entre outros.

presente século por Müller ([1934] 1989). Ao observar itens da cultura material dos Guarani com os quais entraram em contato, estes pesquisadores vêem muito mais que uma diferenciação na técnica e na produção de objetos: percebem diferenças étnicas fundamentais.

Quanto ao conjunto de objetos, a cerâmica continua sendo o item por excelência da cultura material para a análise e inferências sobre as sociedades Guarani anteriores ao contato e, em grande medida, também às históricas. Como referimos anteriormente, as análises que se preocuparam com a grande uniformidade e padronização da cultura Guarani, não chegaram, ainda, a se debruçar com as possíveis e prováveis diferenciações étnicas impressas na cultura material, ou, no caso, na cerâmica⁵. Até que ponto, por exemplo, as técnicas de produção, o tratamento dado à matéria-prima, a forma, o tratamento de superfície empregados na cerâmica dos ancestrais dos Mbyá se distinguiam daqueles utilizados pelos Kaiowá? Vale também retomar a observação feita por Müller, comprovando ser possível realizar uma diferenciação étnica entre Mbyá, Nandeva e Kaiowá ao observar a variação da técnica do trançado em suas cestarias e os termos lingüísticos empregados para denominar os objetos utilizados por cada um dos grupos.

Especificamente sobre os Mbyá há indícios de que, se devidamente estudados, podem permitir estabelecer uma vinculação entre especificidade étnica e produção da cultura material. Para pensarmos numa visualização dos Mbyá em tempos mais pretéritos temos que correlacionar e trabalhar com dados muito díspares e possíveis de serem acessados em várias fontes. Na documentação colonial, por exemplo, é preciso rastrear e desmembrá-los dos demais Ka'yguá⁶. Para tanto, deve-se considerar tanto a distribuição geográfica referida pelos cronistas, como referências lingüísticas, da organização social, da estrutura das aldeias e dos objetos descritos.

Neste sentido, as viagens e as descrições realizadas por Dobrizhoffer ([1784] 1967) na metade do século XVIII são de inestimável importância, tanto pelas referências etnográficas, como pela possibilidade de correlacionar tais informações com outras, de épocas anteriores e posteriores. Referências obrigatórias para este trabalho são também as obras do etnógrafo León Cadogan. Ao escrever sobre os Mbyá praticamente

⁵ Confirma os trabalhos de La Salvia & Brochado, 1986 e Noelli, 1993.

⁶ Denominação genérica e depreciativa empregada para referir-se aos Guarani que havia se subtraído aos sistemas reducional e "encomendero" permanecendo no interior das selvas.

dois séculos após Dobrizhoffer, este autor consegue ver e descrever o conjunto da cultura do grupo étnico em questão. Ao recompilar as narrativas míticas de seus informantes Mbyá, registrou referências que o grupo fazia a uma região específica do Paraguai como sendo o “Centro da Terra” (Cadogan [1946] 1992). Enquanto “Centro da Terra” ou “do Mundo” os Mbyá entendem como sendo seu núcleo tradicional de ocupação, ou seja, seu território original antes do contato com a sociedade englobante⁷. Coincidentemente, ao transitar por Pastoreo Ñuaí, próximo à vila de Caa-guazú – e dentro do território identificado por seus informantes como o “Centro do Mundo” – este etnógrafo recolheu fragmentos de cerâmicas encontrados por um camponês de um sítio arqueológico. Analisando superficialmente as amostras, Cadogan concluiu tratar-se de cerâmica “Guarani” e levantou a possibilidade de haver uma correspondência entre a história oral do grupo com os vestígios arqueológicos recolhidos na região. Em outro estudo, Cadogan (1971: 16,57-59) concluiu que as referências míticas dos Mbyá a um Centro do Mundo referia-se à região do Mbaeverá, visitada e descrita por Dobrizhoffer.

Portanto, a análise desse material arqueológico, ou seja, destes fragmentos de cerâmica coletados por Cadogan, pode revelar indicativos da etnia Mbyá passíveis de serem detectados em outros sítios ou mesmo coleções museológicas de cerâmicas Guarani. Estudos já realizados sobre as vasilhas de cerâmica Guarani apresentam uma série de formas, funções, dimensões e estilos tecnológicos e decorativos variados. La Salvia & Brochado (1986) elaboraram uma metodologia de análise das vasilhas, baseando-se em descrições documentais e principalmente do vocabulário Guarani histórico, em que demonstraram haver uma relação entre a forma da vasilha e o uso específico. Porém não conseguiram chegar a uma interpretação quanto às variações estilísticas. E é neste aspecto que uma Etnoarqueologia Mbyá pode ser interessante.

Uma análise dos fragmentos de cerâmica mencionados acima, procurando reconstituir as formas das vasilhas e levantando os seus elementos estilísticos, somadas a uma possível ampliação dessa coleção através de uma escavação no local ou nas proximidades onde foram encontradas podem revelar traços técnicos e decorativos singulares da cerâmica. Isto pode nos levar a uma hipótese interpretativa de que tais traços sejam sinais diacríticos impressos na cerâmica.

⁷ Como “sociedade englobante” está se entendendo os colonizadores europeus, de cultura ocidental hegemônica.

A análise comparativa desse material cerâmico, somada à possibilidade de escavar o local onde ela foi coletada, podem permitir não só o avanço nos estudos da arqueologia Guarani, como também uma melhor compreensão sobre a trajetória histórica dos Mbyá atuais.

No âmbito das pesquisas arqueológicas, a associação entre tipos de vasilhas cerâmicas com os ancestrais dos Mbyá possibilitará, entre outros aspectos, a identificação de sítios arqueológicos Mbyá, hoje genericamente classificados como Guarani, permitindo-lhe uma visibilidade no período pré-contato.

No âmbito etnológico, o conhecimento da ocupação espacial desse grupo étnico antes do contato, assim como a longevidade dessa ocupação, podem abrir clareiras antropológicas a respeito da ocupação espacial sobre os Mbyá hoje com uma perspectiva histórica mais precisa. Ou seja, se existe uma prescritividade nesta espacialidade, como afirmou Clastres (1975) ou se mudou a partir do período colonial, como defende Garlet (1997). A possibilidade de visualizar tais diferenciações dentro de uma profundidade temporal – chegando ao período pré-contato – permitiria ainda traçar a dispersão geográfica e as formas de ocupação espacial específicas de cada um dos grupos Guarani.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMBROSETTI, J. B. Los Indios Caingá del Alto Paraná (Misiones). In: **Boletín del Instituto Geográfico Argentino**. v. XV. Buenos Aires. 1895. p. 661-744.
- BROCHADO, J. A. P. **An ecological model of the spread of pottery and agriculture into Eastern South America**. Urbana-Champaign. University of Illinois at Urbana-Champaign. 1984.
- CADOGAN, L. **Ayvu Rapyta**. Textos Míticos de los Mbyá-Guarani del Guairá. Biblioteca Paraguaya de Antropología. v. XVI. Asunción: CEADUC/CEPAG. 1992 (1946).
- _____. **Ywyrá Ñe'ery**. Fluye del Árbol la Palabra. Sugestiones para el Estudio de la Cultura Guaraní. Centro de Estudios Antropológicos de la Universidad Católica "Neustra Señora de la Asunción". Asunción. 1971.
- CLASTRES, H. **La Tierra Sin Mal: El Profetismo Tupi-guarani**. (Trad.: Viviana Ackerman). Buenos Aires: Ediciones del Sol. 1993 (1975).
- DOBRIZHOFFER, M. **Historia de los Abipones I**. Resistência: Universidad Nacional del Nordeste/Facultad de Humanidades. Argentina. 1967(1784). p. 151-191.

- GARLET, I. **Mobilidade Mbyá: História e Significação**. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: PUC. 1997.
- KI-ZERBO, J. Os Métodos Interdisciplinares Utilizados Nesta Obra. In: **História Geral da África: I. Metodologia e Pré-História da África**. São Paulo: Ática. 1982. p. 367-377.
- LA SALVIA, F. & BROCHADO, J.P. **Cerâmica Guarani**. Porto Alegre. Pozenato Arte & Cultura. 1986.
- LAGROU, Elsje Maria. O que nos diz a arte Kaxinawa sobre a relação entre identidade e alteridade? In: **Mana**. V. 8, n. 1, Rio de Janeiro, Contra-Capa. 2002. p.29-62.
- MELIÀ, B. SAUL, M. V. A. e MURARO. V. F. **O Guarani: Uma Bibliografia Etnológica**. Santo Ângelo: FUNDAMES/FISA. 1987.
- MÜLLER, F. SVD. **Etnografia de los Guarani del Alto Parana**. Argentina: Impresso pela Societatis Verbi Divini. 1989.
- NOELLI, F. S. **Sem Tekohá não há Tekó** (Em Busca de um Modelo Etnoarqueológico da Aldeia e da Subsistência Guarani e sua Aplicação a uma Área de Domínio no Delta do Rio Jacuí - RS). Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: PUCRS. 1993.
- ROGGE, Jairo H. As teorias adaptacionistas e o estudo de grupos horticultores – a tradição Tupiguarani no Médio Rio Jacuí. In: KERN, Arno A. (org.) **Anais da VII Reunião Científica da SAB**. V.I. Porto Alegre: Edipucrs. 1996. p. 245-254.
- SEYFERTH, Giralda. Etnicidade e cultura: a constituição da identidade teuto-brasileira. In: ZARUR, G. de C. Leite (org.). **Etnia e nação na América Latina**. V. II. Washington DC. 1997. p. 17-36.